

8

Mais democráticos ou menos preconceituosos?

Democracia *sf* 1. Governo do povo, sistema em que cada cidadão participa do governo, democratismo. 2. A política ou doutrina democrática. 3. A influência do povo no governo de um estado. 4. O povo, as classes sociais. (Dicionário Michaelis 1998:362).

Uma curiosidade que apareceu na maioria dos discursos de nossos entrevistados foi o uso da palavra democracia. Mas, o que significa democracia literalmente? E para esses sujeitos? Diferentemente dessa definição da palavra democracia, retirada do dicionário, os sujeitos frequentadores da cena *Clubber ou Raver* não se referem à política ou ao governo quando a mencionam, mas sim a uma maior liberdade de expressão e a um menor preconceito nesses espaços. Até porque, como já foi visto, não existe uma ideologia maior unindo essa “tribo”.

“Os espaços estão mais democráticos. Você tem acesso às coisas mais facilmente. É só entrar na internet.” (L, 23 anos)

Eles estão juntos pelas circunstâncias, pelo sentimento compartilhado. A maioria dos sujeitos entrevistados parece ter concordado quando a questão dizia respeito a esses espaços serem mais democráticos, e somente um dos entrevistados questionou o emprego da palavra democracia, disse que talvez os espaços sejam menos preconceituosos e não mais democráticos.

“Democrático não sei da onde. Democracia é quando você abre uma votação e vê o que a maioria leva. Neste lugares o máximo que eles escolhem é qual bar eles vão depois. E, um pode até sentar do lado do outro mas há rivalidade. Por exemplo quem gosta de trance fala mal de

quem gosta de House. Rola uma rivalidade geral até entre os DJs.” (D, 34 anos)

“Democráticos por não ter preconceitos. Bom, preconceitos existem sei lá pudores. Só da pessoa poder estar ali andando do jeito que ela quiser, sem ninguém olhar por ela ser diferente, dá uma sensação de liberdade.” (L, 23 anos)

“Existe liberdade de expressão. Você pode ser o que você é na hora que quer.” (V, 29 anos)

Realmente essa questão faz eco com tudo o que já foi discutido anteriormente a respeito dessa “tribo”. Se esses sujeitos se socializam por prazeres compartilhados, aliados a uma sensação de bem-estar proporcionada pela droga ingerida, como ter preconceitos? Ou melhor, se nesses espaços a música é o foco principal e se estão ali porque gostam daquela música, eles já têm algo muito importante em comum. Então, como excluir o outro, se a inclusão se dá de outra forma, pelo sentir em comum?

“Exatamente por ter a cabeça aberta e livre de qualquer preconceito. O lance é ser feliz.” (G, 23 anos)

“Foi quando começou a misturar e isto ia acontecer porque as pessoas gostam da mesma droga e da mesma música mas com culturas totalmente diferentes e acho que isto já ajudou a quebrar um pouco este preconceito. Hoje você vai numa festa e vê um playboy sinistro dividindo a pista com bichinhas saltitantes. Isto trouxe uma democracia neste sentido. A mistura aconteceu pelas pessoas gostarem da mesma coisa. A tribo é pacífica” (L, 23 anos)

A globalização parece ter ajudado consideravelmente na mudança espaço-temporal sofrida em nossa subjetividade, já que ela quebrou barreiras espaciais e essenciais, em virtude da maior circulação da informação. Nesse sentido, podemos supor que, com a globalização, os espaços se abriram num mundo virtual, no qual tudo parece estar disponível, basta você poder acessar a Internet. E, uma vez tendo acesso a esse

espaço , você pode transitar livremente, longe dos preconceitos, porque nele você não tem cor, voz, ou crença.

Já os espaços por onde transitam os “*Clubbers ou Ravers*” parecem ser mais “democráticos”, ou livres de preconceitos, uma vez que existem ali, juntos numa mesma pista de dança, indivíduos muito diferentes não só pela esteticamente mas com valores distintos, já que o que os une não tem nada a ver com política ou com um sistema comum de crenças e valores, como vimos antes, mas somente uma música, uma roupa. Supomos assim que existe uma mistura de “tribos” onde todos parecem se aceitar como iguais, pois convivem dançando e se divertindo de forma pacífica como uma grande comunidade.

Mas será que esses sujeitos também não convivem de uma forma “mais democrática” porque as trocas se dão de outra maneira? Esse talvez seja mais um paradoxo da “tribo”. Por mais adornado e “montada”, o sujeito circula pelo espaço de um jeito muito “individualista”, como se ninguém o estivesse vendo, como se somente ele existisse ali, naquela hora e local. O outro parece não existir, por mais “colorido” que esteja. Então, como o sujeito vai ter preconceitos com o outro se esse sujeito não presta atenção no outro? Se somente ele mesmo e seu próprio “umbigo” interessam. O outro só existe quando provoca no sujeito sensações, ou quando o sujeito quer que ele exista. Se não, basta deletá-lo.

“Os tabus estão sendo quebrados” (L, 23 anos)

Não podemos deixar de mencionar também que a percepção e os sentidos da maioria dessas pessoas, que estão ali convivendo, estão alteradas pela ingestão do Ecstasy. Isso talvez seja mais um fator contribuinte para a diminuição dos preconceitos. Preconceitos estes, na maioria das vezes, relacionados à opção sexual. A maioria dos entrevistados colocou que as Raves são espaços “bi” e que a droga ajuda nessa quebra de barreiras e tabus.

“Eu acho que eles podem ter menos preconceitos na questão do sexo, por exemplo. Eu vi muitas mulheres beijando na boca de outras sem isto significar absolutamente nada.” (AT, 25 anos)

“Realmente é um fato. 90 % dos Clubbers são bi.” (G, 18 anos)

“O Ecstasy traz esta coisa de você achar tudo muito bonito.

Uma coisa que no início era meio estranho depois você acaba achando interessante.” (L, 23 anos)

Aparentemente tudo relacionado à moda e à globalização. A moda, assim como os espaços de hoje, são mais livres. A moda é unissex: Homens podem usar saias, tiaras nos cabelos, e mulheres podem fumar, ficar na rua até o amanhecer. Os tabus de antigamente, que dividiam os gêneros não só pelas roupas como por atitudes também, foram quebrados nesse novo mundo, sem barreiras do espaço virtual, onde existe a possibilidade de se experimentar ser qualquer coisa: homem, mulher, criança, negro, branco, etc, basta termos os acessórios, que hoje são nossos discursos, exatos para cada ocasião. Como já foi dito, segundo Polhemus (2001), vivemos num supermercado de estilos, como as latas de sopa nas prateleiras dos supermercados, podemos pegar ou inventar ser qualquer coisa. Somos pelo que temos. E quem dita o que temos que ter para ser parece ser o sistema da moda e nada além.

“Hoje em dia está na moda ser diferente. Beijar na boca de mulher, homens e mulheres ao mesmo tempo. Vai entender. É difícil...” (M, 17 anos)

“Eu acho que existe uma moda. Uma moda de homossexualismo e, quando digo isto, não é só de homem não, mas principalmente de mulher, a porra do lesbian chic.” (AT, 25 anos)

“Isto é importante: democracia. Eu acho que num certo sentido eles são mais democráticos porque a maioria da sociedade não aceita homossexualismo, ela não aceita os estados alterados da mente, não aceita uma opção estética

diferente. E a maioria da sociedade é o sistema. Então, em um certo sentido é mais democrático sim, já que aceita uma porrada de coisas que a maioria das pessoas não aceita.
(AT, 25 anos)

Supõe-se que essa “tribo” de fato caminhe por espaços menos preconceituosos. Espaços mais livres talvez por aceitar não só uma moda mais ousada, mas uma estética diferente, na qual tudo é permitido, tudo pode se misturar. E, nessa mistura, os significados mudam não só o de uma calça como até mesmo o de um beijo na boca de alguém do mesmo sexo. O “clima” parece ser mais propício já que estão todos extasiados e envolvidos pela música, pelas sensações. Esses espaços deixam supor que somos livres para sentir, para ser.

“A maioria das pessoas que viraram bi é porque beijaram uma pessoa do mesmo sexo quando estavam doidas.

É realmente a pílula do amor.” (G, 18 anos)

“Na cena não usamos o termo gay porque é muito homogêneo mesmo. Todo mundo fica com todo mundo O negócio é dar beijo na boca mesmo. Sentiu tesão, vamos lá; não importa se é homem, mulher, gay ou bi.” (G, 23 anos)